



ORIENTAÇÕES

2006}2010



INTRODUÇÃO

“O MCE (JEC/JUC) é um Movimento evangelizador do meio estudantil que privilegia o compromisso militante dos seus membros nas escolas. A evangelização é um processo contínuo, dinâmico e complexo (...). A realidade estudantil é vasta e extremamente complexa. A sua constante transformação impede-nos de ter uma análise acabada e definitiva.” [in Linhas de Identidade do MCE].

Observando atentamente o Movimento, apercebemo-nos que este atravessa uma fase delicada, estando na altura de nos centrarmos no que é de facto importante. É essencial encarar a mudança como um ajustar à realidade e ao meio do qual fazemos parte, porque “num mundo complexo e em mudança o primeiro desafio com que nos deparamos é educar o nosso olhar.” [in Texto Final das IX Jornadas de Universitários Católicos]

Para tal, urge ao Movimento repensar a sua forma de estar, renovar-se, reinventar-se, perceber qual o seu papel na Igreja e na sociedade actual e quais as exigências que lhe são colocadas, nunca abdicando daquilo que é a sua matriz, a sua identidade, enquanto Movimento de Acção Católica que “não se fecha em si mesmo nem se basta a si próprio” [in Estatutos].





ANÁLISE

AS OBSERVAÇÕES QUE AQUI FAZEMOS SALIENTAM OS ASPECTOS MAIS RELEVANTES PARA O MOVIMENTO, NÃO SENDO PORTANTO UMA ANÁLISE COMPLETA E GLOBAL DO PRÓPRIO DE TODO O MEIO ENVOLVENTE.

... SOCIEDADE

Actualmente é frequente dizer-se que vivemos na sociedade de informação e de comunicação. Será que transformamos essa mesma informação em conhecimento? Seremos capazes de seleccionar cuidadosamente sem correr o risco de sermos manipulados? Até que ponto a análise que fazemos é capaz de descodificar o que não vemos a “olho nu”?

Sentimos um crescente comodismo na sociedade, que conduz a uma atitude acrítica por parte desta, onde o tempo é o bem mais precioso e valorizado e onde se procura a obtenção de proveitos pessoais. Neste contexto, o MCE aparece como proposta incómoda, pelo constante questionar da realidade. Sendo esta uma proposta diferente, se não for de qualidade não será aliciante e a adesão ao projecto do Movimento torna-se escassa.

Para podermos ter esse olhar crítico precisamos de assumir o desafio da cidadania. Para tal, devemos procurar a nossa liberdade em sociedade, de forma a tornarmo-nos cidadãos capazes e conscientes dos desafios que a sociedade actual nos coloca.

... EDUCAÇÃO

A educação em Portugal, tem sofrido nestes últimos anos sucessivas reformas, sem nunca se esperar pelos seus resultados. Isto faz com que se desvalorize a importância da educação (em nome de políticas partidárias), prejudicando, assim, todo o processo de formação da opinião pública de amanhã. No entanto, sentimos que estas reformas não têm acompanhado a evolução do mundo, tanto a nível social e cultural, como científico e tecnológico. Apesar das escolas estarem cada vez mais equipadas com as recentes tecnologias da comunicação, não consideramos que isso se reflecta na qualidade do ensino.

Notamos que a mentalidade dos alunos tem caminhado no sentido do “medianismo” e do “razoável”, também fruto do próprio sistema educativo. A esta despreocupação alia-se o egocentrismo de alguns estudantes, que não estão atentos aos problemas dos restantes intervenientes no processo educativo.

Os espaços cívicos da Escola foram descaracterizados. Neles deixámos de nos envolver activamente. A Escola tornou-se sobretudo um local de estudo e de convívio com colegas, onde nos deixámos acomodar pelas reformas impostas e onde perdemos o nosso sentido e acção crítica sobre os assuntos que nos dizem respeito.

Para podermos suplantar estas dificuldades, é importante estarmos dispostos a construir um ensino de qualidade, onde estejamos conscientes do nosso próprio processo educativo e onde sejamos capazes de formar pessoas com pensamento próprio e crítico.

O Processo de Bolonha está já em fase de concretização. Este irá promover uma maior mobilidade dos estudantes, e pretende comparar e equiparar o Ensino Superior entre os vários países. Para além disso, pretende-se melhorar o desempenho académico, focando o processo educativo no aluno, bem como o aumentar da capacidade competitiva nos mercados mundiais. Assim sendo, devemos estar atentos às alterações na extensão e reestruturação dos cursos, reflectindo sobre as suas implicações ao nível social, educativo e no próprio Movimento.

... **IGREJA**

O diálogo ecuménico e inter-religioso foi um passo importante e demonstrativo da pluralidade e abertura da Igreja, para a qual também nós, Movimento, temos de estar despertos. A Igreja procura não se encerrar em si nem nas suas estruturas, promovendo a participação e o sentido de missão.

Esta tem vindo a apostar mais em movimentos de massas e certezas, onde o MCE perde o lugar, por promover a dúvida e ser menos abrangente.

O MCE como Movimento de fronteira que é, assume-se como ponte entre a Igreja e o meio. Assim, deve confrontar a comunidade com a necessidade de se deixar interpelar pela novidade libertadora, questionando e propondo também desafios à Igreja que espelhem os medos e anseios das pessoas que estão no meio onde nos inserimos. Devemos, assim, como Movimento, mostrar o que conseguimos fazer e que queremos trabalhar com a Igreja. Ao mesmo tempo, devemos questionar os responsáveis da Igreja se a evangelização do meio estudantil perdeu a importância que tinha inicialmente. Por outro lado, é indispensável conhecermos as tomadas de posição e documentos redigidos pela Igreja, por forma a termos um pensamento fundamentado e crítico perante estes.





*** MOVIMENTO

Após uma análise profunda do Movimento deparamo-nos com um reduzido número de militantes e equipas, suportados por estruturas diocesanas bastante frágeis e com militantes extremamente sobrecarregados pelo trabalho nacional e diocesano.

Ao nível nacional, as dificuldades em encontrar todos os anos novos responsáveis é algo preocupante, uma vez que são inúmeros os cargos, e a disponibilidade dos militantes cada vez mais reduzida. Isto não é alheio ao facto de não conseguirmos tornar estes cargos mais aliciantes. Assim sendo, é necessário reflectir sobre as prioridades do Movimento e adaptar os cargos e respectivas funções às reais necessidades. Neste âmbito ainda, é indispensável repensar o número de encontros realizados e a sua necessidade, bem como as dinâmicas que exigem o envolvimento de vários militantes na sua preparação, tendo em conta os reduzidos recursos humanos existentes. Outra das dificuldades com que nos deparamos é a organização e concretização de dinâmicas de formação para responsáveis e animadores, devido à falta de pessoas com experiência nesses campos.

Ao nível diocesano, para além do problema de falta de responsáveis, sejam eles coordenadores ou animadores, deparamo-nos também com as fragilidades sentidas em algumas dioceses, o que leva a uma constante preocupação por parte da Equipa Nacional.

No que diz respeito aos Assistentes, a ausência de um Assistente Nacional, que consiga acompanhar efectivamente tanto o Executivo, como a Equipa Nacional e os Encontros Nacionais, é algo que já se arrasta há alguns anos e que vai dificultando ainda mais a tarefa dos responsáveis nacionais. Em termos diocesanos, apesar das experiências serem diversas, algumas Equipas Diocesanas e equipas base reúnem sem Assistente, o que vai dificultando o aprofundamento da Fé por parte dos militantes, bem como uma leitura crente da realidade.

O processo de iniciação tem vindo a ser descurado por parte das estruturas diocesanas, uma vez que, o acompanhamento dos novos militantes não tem contemplado as fases necessárias a uma boa iniciação. O facto desta se encontrar condicionada traduz-se na fragilidade vivida actualmente nas dioceses.

Em relação à formação dos militantes, esta também se revela ineficaz na transmissão da memória, bem como no verdadeiro contacto com o significado de militância e compromisso existente para com o Movimento.

Em termos sectoriais, os militantes existentes no Sector do Ensino Superior (SES), são sobretudo aqueles que começaram a sua caminhada no Sector dos Ensinos Básico e Secundário (SEBS), ou seja, aqueles que de certa forma criaram um compromisso pessoal para com o MCE, mas que neste momento se encontram saturados pelas permanentes solicitações das estruturas. A novidade e o encanto, que a grande maioria encontrou no SEBS, foram desaparecendo dos seus encontros e reuniões, uma vez que na maioria das vezes não reuniam assiduamente ou, por outro lado, estavam envolvidos na preparação dos mesmos.

Deparamo-nos ainda com o facto de que cativar pessoas no SES para reunir se torna bastante complicado, uma vez que o número de actividades extra-curriculares acumuladas pela maioria dos alunos do Ensino Superior, não lhes permite e não os motiva a enveredar por esta nossa forma de observar a realidade.

Já no SEBS, a dificuldade passa por conseguir transmitir a mensagem evangelizadora do Movimento e por conseguir cativar os militantes pela essência do mesmo e não pelas relações pessoais nele estabelecidas. Devemos afirmar a nossa Identidade, que nasceu com a JEC e a JUC, demonstrando que a nossa mensagem e dinâmica são bastante actuais.

A dimensão internacional tem vindo a assumir maior relevância. Os Encontros Internacionais continuam a ser sobretudo um momento de enriquecimento pessoal, pecando pela pouca transmissão dessa experiência ao Movimento na sua generalidade. Por outro lado, a instabilidade que a Coordenação Europeia tem vivido ao longo dos últimos anos poderá dever-se, em parte, à pouca envolvimento dos movimentos europeus. Como tal, é premente a nossa constante atenção e disponibilidade para tentar perceber de que forma pode o nosso Movimento cooperar e auxiliar a Juventude Estudantil Católica Internacional – Movimento Internacional de Estudantes Católicos (JECI-MIEC).

...





ORIENTAÇÕES 2006 } 2010

ORIENTAÇÕES

BASEMO-NOS NAQUILO QUE SÃO AS LINHAS DE IDENTIDADE DO MCE E NO QUE RESIDE A SUA ESSÊNCIA: A REUNIÃO DE EQUIPA.

Dito isto, consideramos que o principal e mais urgente problema para o MCE é o facto de as equipas existentes reunirem em situações difíceis, com poucos militantes, sem assistente e sem regularidade. Todos os esforços devem ser feitos, portanto, para responder a esse desafio fulcral para o futuro do Movimento.

Parece-nos crucial garantir a qualidade nas reuniões de equipa e conseguir, nos próximos anos, aumentar o número de militantes e equipas. Dessa forma, a reunião, enquanto espaço de desenvolvimento pessoal e de acção colectiva, deve ser um lugar onde os militantes possam discutir qualitativamente em Revisão de Vida. Nesse âmbito, é de particular relevância o papel do Assistente, ao acompanhar todo o percurso dos militantes.

É necessário tornar o espaço de equipa confortável, promovendo a liberdade, a confiança e a responsabilidade dos militantes, de forma a fomentar a motivação em ir às reuniões, e para que o militante se sinta parte integrante da equipa. Este é um espaço primordial para a reflexão da Vida e da Fé, e devemos, por isso, promover o seu aprofundamento especialmente aqui. É fundamental que a equipa esteja verdadeiramente atenta à realidade, de forma a não traçar projectos megalómanos que não consegue concretizar, o que leva à sua desmotivação. Em suma, a reunião de equipa é um espaço especial de liberdade, ao nível pessoal e colectivo, não apresentando os obstáculos mais comuns existentes na sociedade.

Entendemos também que é no SEBS que está a oportunidade para se fazer alargamento, porque é aí que de facto conseguimos levar a novidade e o encanto, que tanto nos caracteriza. É neste sector que devemos aplicar os nossos esforços, para que esse compromisso que pretendemos assegurar, seja concretizado, possibilitando uma continuidade para o Ensino Superior desses militantes. Assim, poderemos contribuir para suplantar a dificuldade de cativar novos militantes no SES. Em relação a este sector, devemos procurar dinamizá-lo, para que se torne um local de reflexões profundas enquadradas no nosso meio, que contribuam para a visibilidade do Movimento.

Para colmatar as dificuldades na Iniciação, poder-se-á incluir momentos destinados à Iniciação e Formação nas dinâmicas diocesanas, ao longo do ano. Também a reunião de equipa deverá ser um espaço de maior relevância neste processo.

Para fazer face ao reduzido número de Assistentes é necessária uma maior comunicação com a Conferência Episcopal Portuguesa e com os bispos diocesanos, bem como a aposta na efectiva implementação dos Colégios Diocesanos e Nacional de Assistentes, para que estes se identifiquem com o projecto do Movimento e suas orientações. Tornando-se indispensável a presença de um Assistente nas equipas, a procura de Assistentes leigos poderá tornar-se uma solução viável, desde que enquadrada na especificidade do Movimento.

Tem-se vindo a assistir a uma menor disponibilidade por parte dos militantes para assegurar cargos diocesanos e nacionais. Para tal urge a necessidade de tornar esses cargos mais aliciantes, de forma a colmatar as dificuldades sentidas.

Após melhorarmos a qualidade das reuniões de equipa, poderemos solucionar a falta de responsáveis quer diocesanos, quer nacionais. No entanto, é necessário continuar com as dinâmicas de formação dos responsáveis existentes, bem como com as dinâmicas de animadores. Para tal, a concretização de uma bolsa de formadores, composta por ex-militantes e militantes capazes de dar formação nas áreas referidas, poderá colmatar muitas das dificuldades sentidas em organizar estas dinâmicas. É ainda fundamental envolver ex-militantes como animadores de equipa.

Reafirmamos a necessidade de se criar um meio, que permita aos participantes em Actividades Europeias e Internacionais, exteriorizar a sua experiência e reflexão levadas a cabo nessas actividades para o resto do Movimento.

No que se refere à Tesouraria, é necessário repensar as formas de financiamento. Dever-se-á, também, reflectir qual o papel da Igreja neste âmbito.

Concluindo, através de um plano delineado para os quatro anos de Movimento que se aproximam, estabelecemos as linhas orientadoras para o trabalho-base no Movimento. Neste plano, valorizou-se sobretudo a reunião de equipa como base crucial do que é o MCE. No mesmo plano, optou-se por valorizar projectos de Alargamento e Iniciação consistentes, nos quais o militante seja estimulado a participar activamente no projecto do Movimento.



	1º ANO (2006/2007)	2º ANO (2007/2008)	3º ANO (2008/2009)	4º ANO (2009/2010)
EQUIPAS	<ul style="list-style-type: none"> » Queremos que as equipas reúnam e aumentem a qualidade dos eu trabalho, com a ajuda de assistentes efectivos. » Quando existir um projecto de equipa a desenvolver-se essa deve ser a prioridade da ED. » Recrutar assistentes e formá-los num Encontro Nacional de Formação. » Presença de assistentes nos encontros. 	<ul style="list-style-type: none"> » Queremos que as equipas reúnam. » Os projectos das equipas devem ser transmitidos ao meio, principalmente nas universidades. » Acompanhamento de assistentes e da ED. » Assegurar o acompanhamento das dioceses por um assistente diocesano nomeado e de todas as equipas. » Neste ano a bolsa de formadores deve estar a funcionar, isto implica a disponibilidade dos formadores para estarem presentes nas actividades e reuniões de equipas para qual são convocados. » Apoio da Equipa Nacional aos projectos de alargamento das dioceses. » Separar as dioceses de Braga e Porto. » Deve ser dada especial atenção a esta área. » O programa global deste ano deve reflectir estratégias que assegurem a nossa estabilidade financeira. 	<ul style="list-style-type: none"> » Queremos que as equipas reúnam e o façam em Revisão de Vida. » Acompanhamento de assistentes e da ED. » Assegurar o acompanhamento das dioceses por um assistente diocesano nomeado e de todas as equipas. » Todos os militantes devem ter uma boa formação, isto implica: formação teológica básica, conhecimento das estruturas do MICE e capacidade de reflectir em RdV. » Queremos que neste ano existam pelo menos duas equipas base em todas as dioceses. » Deve ser dada especial atenção a esta área. » O programa global deste ano deve reflectir estratégias que assegurem a nossa estabilidade financeira. » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Contribuir para a credibilização da JECI-MIEC. 	<ul style="list-style-type: none"> » Queremos que as equipas reúnam e o façam em Revisão de Vida. » Acompanhamento de assistentes e da ED. » Assegurar o acompanhamento das dioceses por um assistente diocesano nomeado e de todas as equipas. » Perceber os resultados dos esforços efectuados nesta área e onde devemos apostar para os próximos anos. » Tendo em conta as dioceses onde estamos presentes e os contactos existentes, devemos repensar o número de dioceses do MCE. » Iniciar projectos de extensão. » Deve ser dada especial atenção a esta área. » O programa global deste ano deve reflectir estratégias que assegurem a nossa estabilidade financeira. » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Contribuir para a credibilização da JECI-MIEC. » Criação da Equipa Diocesana de Aveiro.
ASSISTENTES				
INICIAÇÃO FORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> » Criação da bolsa de formadores com vista a colmatar falhas na iniciação e formação dos militantes. » Encontros diocesanos de formação e iniciação. » Alargamento fundamental para manter dioceses. » Prioridade na revitalização da diocese do Porto. » Procurar novas formas de financiamento. » Relação próxima com o Conselho Fiscal. » Contenção de custos. » Angariação de fundos. » Conseguir financiamento da Igreja. 			
ALARGAMENTO EXTENSÃO				
FINANCIAMENTO				
INTERNACIONALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> » Preparação do comité internacional. » Angariação de fundos para a JECI-MIEC. » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Começar uma equipa base em Aveiro 	<ul style="list-style-type: none"> » Transmitir conclusões do Comité Internacional ao Movimento. » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Contribuir para a credibilização da JECI-MIEC. » Alargamento em Aveiro, tentar que funcionem duas equipas na diocese. » Possibilidade de representação à Equipa Nacional. 	<ul style="list-style-type: none"> » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Contribuir para a credibilização da JECI-MIEC. » Formação de Responsáveis Diocesanos. » Representação à Equipa Nacional. 	<ul style="list-style-type: none"> » Participação cuidada nos encontros e divulgação das suas conclusões. » Contribuir para a credibilização da JECI-MIEC. » Criação da Equipa Diocesana de Aveiro.
AVEIRO				
X JUC	<ul style="list-style-type: none"> » Eleição do Presidente da Comissão de preparação das X JUC. 	<ul style="list-style-type: none"> » Preparação e divulgação das X JUC. 	<ul style="list-style-type: none"> » Fim da preparação das JUC e divulgação. Realização das Jornadas. 	<ul style="list-style-type: none"> » Divulgação das conclusões das X JUC. » Publicação do Encontro.
VISIBILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> » Acções concretas das equipas na sociedade. » Construção de uma base de dados com os contactos dos meios de comunicação social. » Transmitir à comunicação social as nossas moções e os textos de conclusões. 	<ul style="list-style-type: none"> » Deve haver maior abertura ao meio através de projectos com maior impacto que credibilizam o nosso trabalho e dêem visibilidade às JUC. 	<ul style="list-style-type: none"> » Transmitir à comunicação social as nossas moções e os textos de conclusões dos encontros nacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> » Transmitir à comunicação social as nossas moções e os textos de conclusões dos encontros nacionais.
REPRESENTAÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> » Aproveitar as diferentes plataformas onde estamos inseridos, tendo um bom contributo. 	<ul style="list-style-type: none"> » Aproveitar as diferentes plataformas onde estamos inseridos, tendo um bom contributo 	<ul style="list-style-type: none"> » Aproveitar as diferentes plataformas onde estamos inseridos, tendo um bom contributo 	<ul style="list-style-type: none"> » Aproveitar as diferentes plataformas onde estamos inseridos, tendo um bom contributo